

A ADAPTAÇÃO DE EMPRÉSTIMOS RECENTES NO PAPIAMENTU: ASPECTOS DA GRAFIA

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO*

MANUELE BANDEIRA**

SHIRLEY FREITAS***

RESUMO

Neste artigo, analisamos como o papiamentu adapta palavras oriundas de outras línguas no âmbito da grafia, buscando exemplos de supostas *hispanicização* e *nederlandecização*. Usando o *corpus* de Bandeira (2013), mostraremos que o papiamentu apresenta casos de grafias ora próximas à grafia do espanhol, ora à do holandês, apesar de possuir uma grafia oficial e instrumentos linguísticos normativizadores (FPI, 2009). Contudo, a escolha do tipo de influência e a possibilidade de seguir um sistema próprio refletem a hibridização cultural de Curaçao e a luta pela busca de sua identidade, visto que a grafia e a adaptação de empréstimos linguísticos são um terreno privilegiado para se observar essas linhas fronteiriças.

PALAVRAS-CHAVE: Papiamentu, adaptação gráfica, empréstimos, nativização.

INTRODUÇÃO

O papiamentu é uma língua caribenha falada nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, e na Holanda, sua antiga metrópole. Em Curaçao, vivem cerca de três quartos dos seus falantes, aproximadamente 150 mil pessoas (STATISTICS, 2012). O papiamentu está presente na escolarização e na mídia e falar a língua é visto como um sinal de identidade na-

* Professor livre-docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: g.antunes@usp.br

** Doutoranda do Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da FAPESP.

E-mail: manuelebandeira@usp.br

*** Doutoranda do Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da CAPES.

E-mail: shirleyfreitas@usp.br

cional pelos curaçolênhos. Além do papiamentu, o holandês, o espanhol e o inglês são as línguas mais faladas em Curaçao, porém o holandês e o papiamentu são as línguas oficiais.

Apesar de ter uma longa tradição escrita, uma vez que os documentos mais antigos em papiamentu datam da segunda metade do século XVIII, sua grafia oficial é relativamente recente, tendo sido estabelecida somente em 1976, tanto em Curaçao, como em Aruba. Em Curaçao, a grafia é de base fonológica, ao passo que em Aruba é etimológica.¹ As grafias anteriores à oficialização empregavam sistemas de representação idiossincráticos, tendendo ora a assumir influências da grafia do espanhol, ora do holandês: a primeira em razão da proximidade com os países hispanófilos do Caribe e a última graças à colonização holandesa. Dessa forma, influências *hispanicizantes* ou *nederlandecizantes* têm sido constantes nos sistemas gráficos do papiamentu (cf. ARAUJO, 2011, entre outros). Neste texto, o termo *hispanicização* é utilizado para se referir à tendência de alguns autores do papiamentu de se aproximar da grafia espanhola, ao passo que a *nederlandecização* remete à tendência a se inspirar na grafia do holandês.

Posto isto, o presente texto analisa a *nativização* de palavras recentes no papiamentu no âmbito da grafia, com o intuito de encontrar possíveis exemplos de *hispanicização* e *nederlandecização* na adaptação moderna, apesar de o sistema gráfico oficial atual estabelecer um padrão normativo, independente das grafias do espanhol e do holandês. Consideramos exemplos de adaptação recente palavras que foram incorporadas ao léxico do papiamentu a partir da segunda metade do século XX. Nesse sentido, empregamos o *corpus* de Bandeira (2013) que contém palavras pertencentes aos seguintes campos lexicais: Esporte, Política, Economia, Tecnologia e Desenvolvimento, todas incorporadas nos séculos XX ou XXI. Este estudo, portanto, se justifica pelo fato de, a partir dos resultados obtidos, ser possível entender a adaptação de palavras de origem estrangeira no papiamentu do ponto de vista da grafia, permitindo-nos, ainda, aumentar nosso conhecimento a respeito dos aspectos gráficos da língua como um todo, seus usos e seus desvios do padrão oficial. Isso é relevante na medida em que a grafia é um objeto de estudo complexo por envolver elementos que vão além dos linguísticos, como questões políticas e sociais.

O texto está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos as características gerais de Curaçao e do papiamentu; a seção 2 se debruça sobre a influência de outras línguas, sobretudo do espanhol e do holandês, no papiamentu; já a seção 3 trata da grafia do papiamentu, discutindo o seu estabelecimento, alguns de seus aspectos e seus caracteres *hispanicizantes* e *nederlandercizantes*; na seção 4, por seu turno, estão a análise e discussão dos dados. E, por fim, a seção 5 traz algumas considerações finais.

1. CURAÇAO E SUA LÍNGUA

A ilha de Curaçao está localizada no mar do Caribe, a 70 quilômetros ao norte da costa da Venezuela. Descoberta por espanhóis, em 1499, a colonização de Curaçao se inicia *de facto* em 1634, com a Companhia das Índias Ocidentais e, posteriormente, com a derrocada da Companhia em 1791, a ilha passa a ser colônia da República dos Países Baixos. Depois da Segunda Guerra Mundial, Curaçao se junta a Aruba, Bonaire, Saba, Santo Eustáquio e São Martinho para formar as Antilhas Holandesas, até a elevação da ilha, em 2010, ao *status* de nação dentro do Reino dos Países Baixos (ARAUJO, 2011), com a dissolução das Antilhas. Desde o início da dominação neerlandesa, a ilha serviu como entreposto de escravos. Assim, ao lado da população escrava, comerciantes holandeses calvinistas e judeus sefarditas se estabeleceram na ilha. Graças à sua vocação marítimo-comercial, Curaçao atraiu navegantes e mercadores de diferentes nacionalidades. Além disso, a proximidade da ilha com a Venezuela favoreceu a relação com o mundo hispânico. No começo do século XX, o estabelecimento da refinaria de petróleo da Shell em Curaçao, e as diversas oportunidades econômicas geradas pelo petróleo e pelo turismo mantiveram a vocação multicultural da ilha. Portanto, a história de Curaçao está ligada a aspectos culturais híbridos. Nesse ambiente, segundo Araujo (2011), surgiu o papiamentu, citado na literatura com este nome desde o final do século XVIII.

O papiamentu goza de prestígio entre os falantes (cf. BIRMINGHAM, 1970; ANDERSEN, 1974), é usado por todas as classes sociais e visto como uma marca de identidade nacional e de pertencimento ao grupo, por um lado, embora Holm (2000, p. 78) afirme que “although all groups speak Papiamentu today, there is still a significant correlation

between ethnic group, religion and prestige language”. Por outro lado, não é irrelevante a presença crescente do papiamentu em diferentes estratos e situações comunicativas, como na literatura, nas funções do Estado e na mídia, uma vez que há jornais diários, canais de televisão, *sites* e emissoras de rádio usando essa língua. No que diz respeito à escolarização, a língua é (ao lado do holandês) empregada na alfabetização bilíngue no sistema público de Curaçao. Em geral, nas escolas, as crianças aprendem não apenas holandês e papiamentu, mas também espanhol e inglês.

2. A INFLUÊNCIA DO ESPANHOL E DO HOLANDÊS NO PAPIAMENTU

Nos séculos XVII e XVIII, a presença da comunidade sefardita, formada especialmente por judeus fugidos da Espanha, de Portugal e do Brasil-Holandês, ao lado de dezenas de comunidades de fala dos escravos africanos, muitos dos quais já com passagens por outras possessões portuguesas na África, e dos calvinistas holandeses moldou o papiamentu (LENZ, 1928; MARTINUS, 1996; SMITH, 1999, entre outros). Assim, o ambiente no qual o papiamentu se desenvolveu foi marcado por um plurilinguismo de amplo escopo, porém, atualmente, as influências linguísticas provêm, em especial, do holandês e do espanhol caribenho. Nos últimos dois séculos, contudo, a colonização holandesa, sobretudo nos séculos XIX e XX, a proximidade com a Venezuela e a indústria do turismo fizeram com que a maioria dos habitantes de Curaçao ganhasse fluência em holandês, em espanhol, em inglês, além do papiamentu. Esse multilinguismo está difundido pela sociedade e, entre os próprios curaçolenhos, a mudança de código linguístico é trivial. Entretanto, neste artigo, vamos considerar somente o papel do espanhol e do holandês, embora haja influências de outras línguas no papiamentu. Apesar do processo de descolonização iniciado depois da Segunda Grande Guerra (OOSTINDIE E KLINKERS, 2003; HILLEBRINK, 2008), a língua holandesa ainda está presente na sociedade; é comum encontrar expressões holandesas no meio de conversações em papiamentu, o que ilustra o fenômeno do *code-switching* (cf. MYERS-SCOTTON, 2002), além do uso do holandês como idioma oficial em todos os aspectos sociais. Ao mesmo tempo, o espanhol também tem um papel relevante, for-

necendo inúmeros empréstimos ao papiamentu (cf. BANDEIRA, 2013), porém como terceira língua.

Os dados do Censo de 2011, comparados aos de 2001 (STATISTICS, 2012), mostram que tem crescido no país o número de pessoas nascidas fora de Curaçao, Bonaire, Saba, Santo Eustáquio, São Martinho e Aruba. Em 2011, 6% da população (comparado aos 4.2% em 2001) de Curaçao era formado por pessoas nascidas na Holanda. Depois da Holanda, os países que possuem o maior número de migrantes residentes em Curaçao são a República Dominicana e a Colômbia, com 3.6% (5.420 habitantes) e 3% (4.516 habitantes), respectivamente. No geral, o número de pessoas nascidas fora de Curaçao cresceu de 19.5% em 2001 para 24.2%, ou seja, de 25.472 para 36.436 habitantes residentes (Tabela 1). Esses números do fluxo imigratório, no século XXI, indicam que não se pode ignorar a presença significativa de pessoas que certamente não são falantes de papiamentu como primeira língua em Curaçao, como os holandeses (6%), dominicanos (3.6%), colombianos (3%), haitianos (1.2%), venezuelanos (1%) e jamaicanos (0.7%). A presença de hispano-falantes em Curaçao se deve, entre outros fatores, à proximidade da ilha com o continente americano e às ofertas de trabalho na indústria do turismo e na do petróleo. A presença desses povos de diferentes países se reflete no âmbito linguístico, influenciando o papiamentu.

Tabela 1. Quadro populacional de Curaçao (adaptado de STATISTICS, 2012)

LOCAL DE NASCIMENTO	2001	2011
Curaçao	80.5%	75.8%
Bonaire, Saba, Santo Eustáquio, São Martinho e Aruba	3.5%	2.9%
Holanda	4.2%	6.0%
República Dominicana	3.2%	3.6%
Colômbia	1.6%	3.0%
Outros	7.0%	8.7%
TOTAL	100%	100%

No Censo de 2011, os entrevistados foram questionados ainda sobre a língua que mais falavam em seu lar. Os resultados revelaram que o papiamentu é falado na maioria dos lares, sendo a língua ma-

terna de grande parte da população, com 78.4%, seguido pelo holandês (9.5%), espanhol (6.1%), inglês (3.5%) e outras línguas (2.4%). A presença do holandês se justifica pelo fato de essa ser a língua do antigo colonizador, usada na escolarização e na mídia. Já o espanhol faz-se presente por Curaçao estar próximo a países hispano-falantes e manter relações com eles. Além disso, o espanhol é a língua com o maior crescimento entre 2001 e 2011. O inglês, por seu turno, com seu papel de língua internacional, está presente na ilha, sobretudo pelo seu papel de facilitador das atividades da indústria do turismo. De acordo com a *Central Bureau of Statistics* (2012), em 2001, a média de casas em que se falava papiamentu era de 80.3%. O que nos leva a concluir, salvo erro na metodologia ou declaração inverídica, que, além do leve declínio do número de lares com falantes de papiamentu nos últimos dez anos, a porcentagem de lares com falantes de outras línguas tem crescido (STATISTICS, 2012), realçando a influência que essa mudança demográfico-linguística possa ter no papiamentu a longo prazo. Os resultados dos censos de 2001 e de 2011 estão na Tabela 2.

Tabela 2. Línguas faladas nos lares de Curaçao (adaptado de Statistics, 2012)

PRINCIPAL LÍNGUA FALADA NOS LARES	2001	2011
Papiamentu	80.3%	78.4%
Holandês	9.3%	9.5%
Espanhol	4.6%	6.1%
Inglês	3.5%	3.5%
Outras	2.2%	2.4%
TOTAL	100%	100%

Diante do exposto, pode-se notar a presença de falantes do holandês e do espanhol (entre outras línguas) em Curaçao, e isso nos permite trabalhar as possíveis contribuições dessas línguas para a configuração linguística do papiamentu.

3. A GRAFIA DO PAPIAMENTU

O estabelecimento oficial da grafia do papiamentu ocorreu em 1976.² No entanto, as discussões a respeito da sua escrita são mais anti-

gas, ganhando força em 1915, ano em que se tornaram públicas no periódico *Amigoe di Curaçao* (*Amigo de Curaçao*). Nos anos seguintes, vários autores (como W. M. Hoyer, Antonie Maduro, Raul Römer, Silvio Jonis, entre outros) começaram a refletir sobre o tema, apresentando diversas propostas (baseadas em diferentes pressupostos) para se chegar a uma grafia uniforme para a língua autóctone das Antilhas Holandesas. O estabelecimento de uma grafia oficial para o papiamentu ocorreu quando o governo de Curaçao aprovou a chamada grafia *Römer-Maduro-Jonis*, lançando em março de 1983, o livro *Ortografia di Papiamentu* (*Ortografia do papiamentu*), de acordo com a *Fundashon pa Planifikashon di Idioma* (FPI, 2009). Niewindt, em 1837, publicou o primeiro livro em papiamentu com uma grafia *hispanicizada*, embora com alguns elementos *ad hoc*, segundo Araujo (2011). Há também casos de termos com grafia *neerlandecizada*, cujo modelo foi lançado pelo livro *Kamiena di Kroes*, de Jacobus Josephus Putman, publicado em 1850. A grafia usada no *Kamiena* seguia os padrões da grafia holandesa, como: (i) uso de <oe> para representar [u], como em **kroes** “cruz”, **moeri** “morrer”; (ii) uso de vogais duplicadas – **ateensjon** “atenção” (*ee* para [e]), **sodoor** “suor” (*oo* para [o]), entre outros.

Apesar de tanto Niewindt como Putman mostrarem inconsistências na aplicação de seus sistemas gráficos, ambos compartilham a busca por um padrão único para a grafia do papiamentu, sem abandonar a língua espanhola e a holandesa. Embora as modificações gráficas no papiamentu, nos dias atuais, possam demonstrar uma postura de independência política, sobretudo no que concerne à colonização holandesa em Curaçao, a ausência de alterações em determinados itens lexicais, isto é, a preservação gráfica de itens emprestados também se revela na representação da grafia da língua. Nesse sentido, quando uma palavra não é submetida a adaptações gráficas no papiamentu, segundo o sistema oficial, isso pode indicar que tal palavra é considerada, pelos falantes, “estrangeirismo” e, por essa razão, não é vista pelas comissões de padronização como pertencente ao léxico nativo. Ainda que a comissão de grafia seja umas das maiores responsáveis pela padronização da língua, não cabe a ela a decisão de que item, fruto de empréstimo, faz parte do léxico nativo e qual não faz, haja vista que o processo de adaptação leva em conta uma variedade de fatores com o intuito de se encontrar a melhor solução para a palavra-fonte. Assim, a mídia e os

escritores tomam para si a tarefa de padronização. Sobre isso, Joubert (1991) afirma:

Nem a comissão de padronização, nem as propostas de pessoas individuais (Maduro, 1953, Romer, 1969), nem as comissões de ortografia do papiamentu (Daal, 1961, Maduro, 1970, Jonis 1976) chegaram a uma conclusão sobre quando considerar uma palavra estrangeira e em que caso considerá-la do papiamentu. Na seleção de palavras por padronizar, a *Comissão de Padronização do Papiamentu* se esquivou deste problema, padronizando muito poucas palavras consideradas estrangeirismos. (p. 156)

Mesmo após longas discussões, ainda há aspectos em aberto, reconhecidos pelo próprio governo de Curaçao ao estabelecer, em 1986, uma comissão para tratar de temas marginais. Deixa-se, assim, aberta a possibilidade de reformulações na grafia, com o objetivo de lidar com fatos “novos” (cf. PIETERS et al., 1993, p. 10; ver também ARAUJO e AGOSTINHO, 2010). Além disso, apesar dos esforços, não se conseguiu estabelecer um sistema uniforme para todas as ilhas que falam o papiamentu, de forma que existem duas grafias: (i) a de Aruba, de caráter etimológico; e (ii) a de Curaçao, de inspiração fonológica. A grafia de Aruba busca manter o vínculo da palavra com o seu étimo, não tendo como ponto de partida os fonemas, mas sim as letras do alfabeto, ao passo que a grafia de Curaçao tenta manter, sempre que possível, a relação de um grafema com um fonema da língua. Assim, em Aruba, o fonema [k] pode ser grafado como <k>, <c> (grafema mais comum) ou <q>, como em **kima** “queimar”, **cos** “coisa” e **quinta** “quinta” (numeral), a depender de questões etimológicas. Já em Curaçao, o fonema [k] sempre será grafado com <k> e, desse modo, as palavras acima aparecem como **kima**, **kos** e **kinta**. Até o nome da língua é escrito de forma diferente nas duas ilhas: *papiamento* em Aruba, e *papiamentu* em Curaçao. Isso se dá porque, em Aruba, as palavras cujo som final pode variar entre [o] e [u] serão sempre escritas com <o>; já em Curaçao, essa variação não existe e o [o] em fim de palavra é bastante restrito, sendo mais comum o fonema [u].

Ao observar a maneira como foi padronizada a grafia do papiamentu, constata-se a interferência de outras línguas, como o espanhol e o holandês. Estudiosos apontam, como causa dessa interposição,

uma possível recusa de muitos segmentos sociais por teorias que relacionassem o papiamentu a uma história de escravidão. Para Martinus (1990), durante anos, a fim de se evitar ligar o papiamentu a grupos escravizados, preferiu-se aderir à teoria da gênese espanhola. Durante os anos de 1930, por exemplo, alguns escritores defendiam que o desenvolvimento do papiamentu estava relacionado diretamente ao espanhol. Diante disso, como muitos escritores europeus renascentistas que tinham o latim ou italiano como seu ideal, como afirma Martinus (1990), os escritores daquela época não hesitaram em usar o espanhol como modelo de escrita do papiamentu. O autor ainda defende que essa é uma prática contemporânea:

Esse hábito mais do que em qualquer outro lugar se manifesta nos quatro jornais diários de papiamentu que têm circulação total de quase trinta mil (exemplares). Seus jornalistas não apenas usam o dicionário de espanhol quando não sabem a palavra em papiamentu para um certo conceito, como frequentemente ignoram um termo existente em preferência a uma palavra em espanhol. (MARTINUS, 1990, p. 140)

A utilização do espanhol como referencial gráfico tem como consequência, para esse autor, uma relexificação desnecessária de campos semânticos inteiros. Alguns exemplos dessa relexificação podem ser vistos em itens como **portrèt**, que foi e é uma palavra tradicional para “fotografia”, porém cada vez mais os jornais têm empregado o termo **gráfiko**; ou ainda o exemplo de **agente di polis**, que, de termo original “policial”, tornou-se um “efetivo policial”, por exemplo. Não poucas vezes, de acordo com Martinus (1990), as palavras que já tinham sido adaptadas ao formato gráfico do papiamentu são reincorporadas ou emprestadas mais uma vez, supostamente para se restabelecer a “verdadeira” ligação com o espanhol, como **studiante** “estudante”, do espanhol *estudiante*; **siñansa** “educação”, de *enseñansa*; **serbish** “serviço”, de *servicio*. Uma possível razão para essa hispanização seria o fato de ela ser usada como uma forma de conter a influência do holandês promovida por muitos antilhanos, recém-chegados da Holanda. Em alguns momentos, essa prática traz consigo insinuações políticas como um meio de a sociedade curaçolense, segundo Martinus (1990, p. 140), se libertar da antiga metrópole. Contudo, ainda hoje há palavras que possuem

ao mesmo tempo duas grafias, uma mais próxima do holandês, outra do espanhol, como em (1) a (4), as quais coexistem no léxico do papiamentu e estão chanceladas no livro dedicado à grafia oficial do papiamentu *Ortografia i Lista de Palabra* (FPI, 2009):

- (1) **Dirèkt/Direkto** “Direto”
- (2) **Sport/Deporte** “Esporte”
- (3) **Refri/Arbitro** “Árbitro”
- (4) **Portrèt/Gráfiko** “Retrato”

Ao analisar os itens em (1) a (4), observam-se dois movimentos gráficos. No primeiro, tem-se a mudança de alguns aspectos gráficos do item de origem holandesa (**dirèkt**), por exemplo, para que se assemelhe, mormente, a um item do espanhol (**direkto**) como (1); a outra estratégia é a substituição completa por outro item como em (2) a (4), no caso em que não há relação cognata.

3.1 Grafia e nativização de empréstimos

O alfabeto do papiamentu consiste dos seguintes grafemas: <a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z>. Há cinco vogais e consoantes modificadas: <è, ò, ù, ù, ñ>. Assim, o alfabeto é constituído por 31 grafemas, sendo 9 vocálicos e 22 consonantais (FPI, 2009). Quanto à sua adaptação, os empréstimos podem ser pensados não só sob a ótica de sua integração fonética, fonológica e morfológica, mas também sob a perspectiva da sua integração através de signos gráficos. De acordo com Paradis e Label (1994), um empréstimo consiste em “uma palavra simples ou composta, ou uma sentença oriunda de L2, incorporada ao discurso de L1”. Assim, a incorporação pode ser linguística e ortográfica, de modo que essa gera necessariamente uma interpretação linguística (nos níveis fonético, semântico, sintático, morfológico e discursivo). Há casos em que itens lexicais são adaptados via escrita e, por meio dela, espriam-se pela língua, seguindo regras que ligam a escrita à pronúncia. Segundo Roth (1980), esse aspecto tem sido negligenciado pelos linguistas. De acordo com o estudioso, a inobservância da influência da escrita na adaptação de empréstimo se deve ao papel marginal que a grafia desempenha nos estudos linguísticos em geral.

Ainda sobre a influência da representação gráfica na acomodação do empréstimo, Roth (1980) sugere que a própria grafia do item estrangeiro pode facilitar ou dificultar a assimilação na língua receptora. Uma amostra da escrita sobre a adaptação de empréstimo é a palavra *fricot* [fRi'ko] do francês, que foi nativizada no português como [fri'kɔtʃi] “fricote”. Essa palavra foi incorporada ao português provavelmente através da escrita, uma vez que a forma adaptada se aproxima mais da grafia do item lexical do francês do que da sua realização fonética em português, pois houve a inserção de uma vogal paragógica para se desfazer uma sílaba fechada com consoante obstruinte, [kɔt], agramatical no português do Brasil. O mesmo fato não ocorre com a palavra *tricot* [tRi'ko] também do francês, que é adaptada para o português sem a consoante da coda presente no francês, isto é, como [tri'ko] “tricô”. Observa-se que o referido item se assemelha à forma como se pronuncia no francês, afastando-se de sua realização gráfica, o que nos leva a concluir que o empréstimo desse item ocorreu através da oralidade, e não por meio da escrita. Diante disso, o presente artigo busca entender como se dá a adaptação de empréstimos recentes no âmbito da grafia, esquadrinhando também possíveis exemplos de *hispanicização* e *nederlandecização*.

4. ANÁLISE

A busca pela padronização da grafia do papiamentu enfrenta problemas ainda hoje, sobretudo, ao lidar com palavras provenientes de empréstimo. A comissão responsável pela padronização gráfica constantemente se vê em um dilema: ou escolhe uma única palavra emprestada entre um conjunto de palavras emprestadas ou aceita todas como palavras da língua. Caso a segunda opção seja escolhida, a palavra-fonte do empréstimo é submetida às adaptações gráficas necessárias para que seja considerada pelos segmentos reguladores como um item lexical nativo.

Joubert (1991, p. 156) sinaliza a preferência geral das comissões pelo espanhol, em virtude de sua grafia e de sua suposta afinidade com o papiamentu. Ao analisar os dados, comprovou-se a afirmação de que o espanhol tem sido usado como referencial gráfico (BANDEIRA, 2013). Nos exemplos (5) a (10), embora se observe que há no papiamentu

convergência na grafia dos itens de origem espanhola, pode-se constatar que a língua de Curaçao não deixa de imprimir a sua identidade gráfica. Nos itens (5) e (6), há alterações referentes ao conectivo espanhol <de> que se adapta para <di> “de”, uma vez que esse conectivo é grafado dessa maneira no papiamentu; assim como o <r> final do item <bateador> que é apagado graficamente, seguido da atribuição de acento gráfico. Esse apagamento obedece ao padrão típico quanto à grafia de itens terminados com esse segmento, uma vez que o papiamentu não preserva graficamente o <r>, assim como, por exemplo, em *abridó* < **abridor** “abridor” e **adiestrado** < *adiestrador* “treinador”. Os itens (7), (8) e (9) passaram por alterações por possuírem, em sua grafia-fonte, os grafemas <g> e <j>, assim o papiamentu os substituiu por <h>. Tal substituição ocorre, pois a grafia atual do papiamentu é de motivação fonológica, isto é, existe a intenção de relacionar um grafema a um som. Assim, nos três itens, os grafemas <g> e <j> foram adaptados para <h>, pois, nessa língua, tal grafema remete a um único segmento aspirado /h/ [h]. Em (10), a terminação *miento* passa por duas alterações: o apagamento do <i> e alteração do <o> para <u>. É provável que todas as palavras com *miento* sejam convertidas para <mentu>, porque este é o sufixo produtivo, logo seu formato gráfico já é consagrado pelo uso.

- (5) <**Bate di beisbòl**> “Bastão de beisebol” (do espanhol *Bate de beisbol*)
- (6) <**Bateadó**> “Batedor” (do espanhol *Bateador*)
- (7) <**Ahustá**> “Ajustar” (do espanhol *Ajustar*)
- (8) <**Hungá**> “Jogar” (do espanhol *Jugar*)
- (9) <**Halòp**> “Galope” (do espanhol *Galope*)
- (10) <**Adiestramentu**> “Treinamento” (do espanhol *Adiestramento*)

O subconjunto de itens de (11) a (15) mostra que é possível também encontrar itens que são preservados integralmente. No entanto, mesmo tendo sido preservados, tais itens não são considerados estrangeirismos pela comissão responsável pela padronização da língua, uma vez que se encontram listados no livro de grafia oficial do papiamentu de Curaçao (FPI, 2009), o que revela o direcionamento hispanicizante da padronização gráfica, que apresenta o formato espanhol como um referencial a ser seguido.

- (11) <Futebolista> “Jogador de futebol” (do espanhol *Futbolista*)
- (12) <Futsal> “Futsal” (do espanhol *Futsal*)
- (13) <Aeropuerto> “Aeroporto” (do espanhol *Aeropuerto*)
- (14) <Avion> “Avião” (do espanhol *Avión*)
- (15) <Deportista> “Esportista” (do espanhol *Deportista*)

Em contrapartida, no tocante à grafia das palavras emprestadas do holandês, não é raro encontrar itens em que não ocorre alteração gráfica, como nos exemplos de (16) a (19). Ao mesmo tempo, a convergência da grafia do papiamentu, se comparada com a do holandês, é menor. No subconjunto de (16) a (19), observa-se que os itens emprestados de étimo holandês não são submetidos a quaisquer modificações gráficas. Em (16) e (17), a ausência de modificações desses itens é indicada pelo fato de encontrarmos, em sua grafia, grafemas dobrados (<aa>, <ee>). No papiamentu, a vogal dobrada é usada em contextos específicos de hiatos: **ko-operá** “cooperar”; **re-editá** “reeditar”; **o-ochi** “gêmeo”; *shi-ita*, “xiita”. Nenhum dos dois itens, (16) e (17), possui hiatos, o que corrobora a hipótese de que há uma posição distinta quanto à padronização gráfica para itens de empréstimo recente do holandês. Há, comumente, uma preservação gráfica seguindo a grafia do holandês. Essa escolha pela preservação pode ser relacionada a uma postura de *nederlandecização*. Em (18), o que chama a atenção é a preservação do grafema <g> que, no papiamentu, é pronunciado como aspirado no *onset* da sílaba medial (<bege> [ˈbehe]) e apagado na coda da sílaba final (<leiding> [ˈlejdĩ]). Por fim, o exemplo (19), como os demais itens do subconjunto, apresenta uma grafia não fonológica, uma vez que, na pronúncia no papiamentu, ocorre um apagamento segmental que a grafia de **liquiditeit** não demonstra, ou seja, [likiˈtejt].

- (16) <Aanloopkosten> “Gasto inicial” (do holandês *Aanloopkosten*)
- (17) <Burgemeester> “Prefeito” (do holandês *Burgemeester*)
- (18) <Begeleiding> “Desenvolvimento da empresa” (do holandês *Begeleiding*)
- (19) <Liquiditeit> “Liquidez” (do holandês *Liquiditeit*)

Além disso, a partir da análise da grafia dos itens de adaptação recente, observamos que há dois movimentos conflitantes na padronização do papiamentu: (i) um movimento em direção à uniformização gráfica,

conforme o modelo de grafia espanhola (*hispanicização*), (ii) um movimento que se apropria da grafia holandesa para representar os itens oriundos de empréstimos do mesmo étimo que circulam na língua (*nederlandecização*). É comum encontrar itens que podem ser grafados ora de acordo com uma grafia mais próxima do formato espanhol, como **impuesto** “imposto”, ora mais próximo do formato holandês, como **belasting** “imposto” no exemplo (20). Contudo, independentemente de que direcionamento a grafia do papiamentu adota, ela não deixa de exibir particularidades que imprimem sua identidade linguística, como a mudança do <qu> para <k> em (21) e <ù> em vez de <eu> em (22), ou seja, apesar de soluções ora *hispanicizantes*, ora *nederlancizantes*, a grafia do papiamentu é autêntica:

- (20) <**Impuesto**> “Imposto” (do espanhol *Impuesto*)
<**Belasting**> “Imposto” (do holandês *Belasting*)
- (21) <**Likides**> “Liquidez” (do espanhol *Liquidez*)
<**Liquiditeit**> “Liquidez” (do holandês *Liquiditeit*)
- (22) <**Emprededó**> “Empreendedor” (do espanhol *Emprendedor*)
<**Entrepenùr**> “Empreendedor” (do holandês *Entrepreneur*)

Embora nem sempre todas as palavras tomadas de empréstimo sejam submetidas ao processo de adaptação gráfica no papiamentu, não se deve pensar que itens como **aanloopkosten** “gasto inicial”, **burgemeester** “prefeito”, por exemplo, estariam à margem do léxico nativo e usadas, por isso, com pouca frequência. Tendo em vista que as palavras de adaptação recente analisadas no estudo pertencem a um *corpus* de amplo uso social (BANDEIRA, 2013), constata-se que esses itens não só são usados de forma produtiva na língua, como também já pertencem ao vocabulário nativo.

Assim, a manutenção ou a mudança na grafia dos itens emprestados não devem ser vistas como um indicativo da inclusão ou exclusão desses itens no léxico do papiamentu, mas de um processo de hibridização linguística. Embora seja a comissão de grafia umas das maiores responsáveis pela padronização da língua, não é ela quem decide que item, fruto de empréstimo, faz parte do léxico nativo e qual não faz, já que o processo de adaptação considera uma variedade de fatores para fixar a melhor combinação para a palavra fonte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados, foi possível observar que o papiamentu, por um lado, emprega a grafia espanhola como referência, como <f**u**tbolista> “jogador de futebol” (do espanhol *futbolista*). Por outro lado, em palavras oriundas do holandês, a grafia é mantida na maioria dos casos, ainda que não se conforme ao padrão gráfico característico do papiamentu, como se vê em <b**u**rgemeester> “prefeito” (do holandês *burgemeester*) e <l**u**iquiditeit> “liquidez” (do holandês *liquiditeit*). Há, até mesmo, exemplos de palavras que remetem a um mesmo referente, mas que apresentam duas grafias concorrentes (e também dois étimos diferentes): uma próxima ao espanhol (*hispanicização*) e outra semelhante ao holandês (*nederlandecização*), como em <im**p**uesto> “imposto” (do espanhol *impuesto*) e <b**e**lasting> “imposto” (do holandês *belasting*). Além disso, embora se tenha verificado a presença de características *hispanicizantes* e/ou *nederlandecizantes*, observamos que o papiamentu moderno seguiu um caminho diferente com seu sistema próprio, de forma que sua grafia rege os processos de adaptação de empréstimos independentemente do étimo. Isso é verificado, por exemplo, na substituição do <j> e do <g> pelo <h> ou do <o> final pelo <u> em palavras de étimo espanhol como em <h**u**ngá> “jogar, brincar” (do espanhol *jugar*), <h**a**lòp> “galope” (do espanhol *galope*) e <adiestram**e**ntu> “treinamento” (do espanhol *adiestramiento*). Enfim, deve-se considerar que as discussões aqui empreendidas não esgotam o objeto de estudo, cumprindo seu objetivo de chamar a atenção para as questões da grafia e a adaptação de empréstimos e múltiplas influências de outros sistemas linguísticos em ambientes multilíngues e abrindo o caminho para outras investigações sobre o tema.

LOANWORD ADAPTATION IN PAPIAMENTU: GRAPHIC ASPECTS

ABSTRACT

In this paper, we analyze how Papiamentu adapts recent loanwords in its orthography, regarding Spanish and Dutch influences. Based on *Bandeira's* (2013) *corpus*, we observe that Papiamentu shows an ambivalent behavior: in many cases, its orthography is similar to the Spanish, however, in words from Dutch origin, there are few or none orthographic nativization. Influence

from Spanish or Dutch can be found in the Curaçaoan society as well as in Papiamentu, even though this Caribbean language has an official system which differs both from Spanish and Dutch and which writers are supposed to abide.

KEY WORDS: Papiamentu, orthographic adaptation, loanword, nativization.

NOTAS

- 1 Neste trabalho, vamos nos concentrar no papiamentu de Curaçao.
- 2 Em dezembro de 2008, o Governo Autônomo de Curaçao promulgou, via decreto governamental, o diploma que oficializava a grafia do papiamentu falado em Curaçao.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Roger William. *Nativization and hispanization in the papiamentu of Curaçao, N.A.*: a sociolinguistic study of variation. 290f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate School, Universidade do Texas, Austin, 1977.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de; AGOSTINHO, Ana Lúvia dos Santos. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, p. 49-81, 2010.
- ARAÚJO, Gabriel. *Três textos em papiamentu clássico*. 263 p. Tese (Livredocência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BANDEIRA, Manuele. *A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno*. 245f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BIRMINGHAM JR., John Calhoun. *The papiamentu language of Curaçao*. 171f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Graduate Faculty, Departamento de Línguas Românicas e Linguística Geral, Universidade da Virgínia, Charlottesville, 1971.
- FPI. *Ortografía i lista di palabra papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma (FPI), 2009.
- HILLEBRINK, Steven. *The right to self-determination and post-colonial governance: the case of the Netherlands Antilles and Aruba*. The Hage: TMC Asser Press, 2008.

- HOLM, John. *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- JOUBERT, Sidney. M. *Dikshonario Papiamentu-Hulandes – Handwoordenboek Papiaments-Nederlands*. Curacao: Fundashon di Leksikografia, 1991.
- LENZ, Rodolfo. *El papiamentu: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile: Balcells & Cia, 1928.
- MARTINUS, Frank. Papiamentu: the road to emancipation. *Language Reform: History and Future*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, v. 5, p. 127-149, 1990.
- MARTINUS, Frank. *The kiss of a slave: Papiamentu's West-African connections*. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, 1996.
- MYERS-SCOTTON, Carol. *Contact linguistics: bilingual encounters and grammatical outcomes*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- OOSTINDIE, Gert; KLINKERS, Inge. *Decolonising the Caribbean*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2003.
- PARADIS, Carole; LABEL, Caroline. Contrasts from segmental parameter settings in loanwords: core and periphery in Quebec French. *Proceedings of the MOT Conference on Contrasts in Phonology*. Toronto Working Papers in Linguistics, v. 13, p. 75-94, 1994.
- PIETERS, Marlene et al. *Ortografia di papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma (FPI), 1993.
- ROTH, Wolfgang. O empréstimo como problema de linguística comparada. *Alfa, Revista de Linguística*, v. 24, p. 157-177, 1980.
- SMITH, Norval. Pernambuco to Surinam 1654-65? The Jewish slave controversy. In: HUBER, Magnus; PARKVALL, Mikael. *Spreading the word: the issue of diffusion among Atlantic creoles*. London: University of Westminster Press, 1999. p. 251-298.
- STATISTICS, Central Bureau of. *First results census 2011 Curaçao*. Disponível em: <<http://www.cbs.cw/cbs/themes/Census%202001/Publications/Census%202001-20121023105057.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2012.